

TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
17 de outubro a 22 de outubro de 2012

A REPRESENTAÇÃO DOS AGRICULTORES NO JORNAL PROVÍNCIA DE TENENTE PORTELA

LIDIA PAULA TRENTIN

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação da Prof. Andrea F. Weber e avaliação dos seguintes docentes:

Prof. Andrea F. Weber
Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS
Orientadora

Prof. Janaína Gomes
Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS

Prof. Luis Fernando Rabello Borges
Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS

Prof. José Antônio Meira da Rocha
Universidade Federal de Santa Maria/CESNORS
(Suplente)

Frederico Westphalen, 29 de outubro 2012.

A Representação dos Agricultores no Jornal Província de Tenente Portela¹

Lidia Paula Trentin²
Andrea F. Weber³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a representação dos agricultores no jornal Província de Tenente Portela, Rio Grande do Sul, tendo como base os conceitos de comunicação rural, jornalismo rural e jornalismo impresso. Para a realização da pesquisa, foi adotado o método de análise de conteúdo, além de entrevista em profundidade e de observação participante, como complementares. Com as análises, pode-se concluir que o número de notícias rurais e o espaço destinado a elas no jornal, é pequeno. Os agricultores raramente são entrevistados, e as fontes mais utilizadas são oficiais. Apesar disso, os agricultores são tratados com neutralidade pelo jornal.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Agricultores; Jornal Província.

Introdução

Tenente Portela está localizada na região celeiro do Rio Grande do Sul, no noroeste do Estado, a 480 km da capital, o município possui uma extensão de 338 km², com 13.719 habitantes⁴, sendo estes, 4.872 do meio rural e 8.847 do meio urbano, segundo a FEE (Fundação de Economia e Estatística) 2010. Entre os veículos impressos, existem atualmente três (3) jornais com circulação semanal, A Terra, Folha Popular e o Jornal Província. A escolha do Jornal Província para ser o objeto da pesquisa ocorre por ser o mais antigo em circulação, criado em 1986, por Jalmo Fornari que é jornalista. Além do jornal impresso Província, a rádio Província FM e o site Província formam uma rede de comunicação do mesmo proprietário, chamada Sistema Província.

A escolha do tema “A representação dos agricultores no Jornal Província” se deu pelo fato da cidade ser rural e o Jornal Província ter representação local. De acordo com

¹ Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I do Centro de Educação Superior Norte do RS da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Acadêmica do 7º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo da UFSM/CESNORS.

³ Orientadora desta pesquisa e professora do curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo da UFSM/CESNORS.

⁴ Dados disponíveis em: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_populacao.php Último acesso em: 12 setembro 2012.

o IBGE 2010⁵, a agropecuária representa R\$ 31.585.000,00 do PIB municipal, ficando atrás somente dos serviços que representam R\$92.331.000,00. As edições escolhidas para análise foram as dos dias 07, 14, 21 e 28 de outubro de 2011. Optou-se por estas edições por ser época de colheita do trigo e plantio da soja, quando, segundo o editor chefe do jornal, é veiculado um maior número de notícias sobre o meio rural.

O objetivo principal desta pesquisa foi saber como se dá a representação dos agricultores no Jornal Província. Para isso foram utilizados os métodos de análise de conteúdo, para descobrir como os agricultores e suas propriedades são citados nas notícias e se eles são utilizados como fontes jornalísticas. Também buscou saber que tipo de fotografias são utilizadas para ilustrar as notícias, os temas mais tratados, as editoriais onde as notícias são publicadas com maior frequência, além do número e do espaço ocupado pelas notícias rurais. Para complementar o estudo, foi utilizada uma entrevista em profundidade com o editor do jornal, para fins de esclarecimento sobre algumas decisões tomadas na produção das notícias; além da observação participante, feita através de um acompanhamento da rotina de produção do jornal, para uma melhor compreensão do conteúdo noticiado.

Os quadros que ilustram a pesquisa são quantitativos, ou seja, dão ênfase à quantidade de vezes que determinada palavra aparece nas notícias; ao número de notícias rurais veiculadas nas edições analisadas; e também o espaço total que estas notícias ocupam nas edições.

Serão abordados, nos próximos tópicos, os conceitos de comunicação e jornalismo rural, para que se possa esclarecer sua importância não só para os moradores do meio rural, mas também para os habitantes da zona urbana, afinal todos dependem da agricultura. Será explicado o conceito do novo rural e também a forma com que os meios de comunicação geralmente representam os agricultores. Será abordado, também, o conceito de jornalismo impresso, pois este tem várias especificidades que devem ser elucidadas, e a principal delas, neste estudo, é a proximidade, que é muito característica nos jornais de interior.

⁵ Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432140#>> Último acesso em: 05 setembro 2012.

1. Comunicação e Jornalismo rural

Segundo Santi e Devens (2009, p. 2), a comunicação rural pode ser entendida como “a prática de difusão de informações e conhecimentos acerca do campo”.

Como nos explica Bordenave (1988, p. 7):

Comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural.

Ou seja, muitas outras pessoas se interessam e sabem do valor da agricultura para o seu bem estar. Além da população do meio rural, as empresas agrícolas e o Estado, são os protagonistas da comunicação rural (BORDENAVE, 1988, p. 7).

De acordo com Duarte (2003, p. 8), a comunicação rural teve início no Brasil por volta de 1900 e, na década de 40, ela se intensificou com os recém instituídos programas estatais de extensão rural. Duarte explica ainda que “o suporte teórico veio dos Estados Unidos e aliando-se a cartazes, folhetos, cartilhas, audiovisuais, programas de rádio (recentemente vídeos), foram introduzidos no contexto histórico, cultural e político daquela época no Brasil”. Esta forma de comunicação é utilizada até hoje, com cartilhas e programas explicativos, como suporte para as atividades de extensão rural.

A representação que a mídia faz dos agricultores também pode ser situada no contexto da comunicação rural. Sobre essa representação, Pereira e Queiroz (2004-2005) explicam que a mídia geralmente retrata apenas duas faces do cenário rural, a arcaica, ligada ao trabalho escravo, à pobreza no campo e as ações do MST; e aquela representada pelo agronegócio – ou *agribusiness*, que é a moderna.

Assim, a mídia trata, sobretudo, desses dois tipos de agricultores, muitas vezes esquecendo-se de representar o agricultor que fica no “meio-termo”, como nos mostra Pereira e Queiroz (2004-2005, p. 08):

Entre esses dois pólos situa-se uma expressiva variedade de produtores rurais: posseiros, parceiros, arrendatários, meeiros, agregados, pequenos proprietários, etc. A mídia não lhes concede maior destaque, seja porque não se aglutinam em movimentos sociais de grande envergadura, seja porque não são percebidos como agentes econômicos significativos.

Apesar de a mídia, muitas vezes, polarizar o meio rural em arcaico e moderno, de esquecer-se de representar esse agricultor que fica no “meio-termo” e de abordar

problemas e conflitos, a sociedade já tem um novo olhar sobre a agricultura. Como explica Wanderley (2001, p. 31) “a sociedade brasileira parece ter hoje um olhar novo sobre o meio rural. Visto sempre como a fonte de problemas [...] surgem, aqui e ali, indícios de que o meio rural é percebido igualmente como portador de ‘soluções’”.

Essa mudança de percepção da sociedade brasileira sobre o campo se deve, também, a uma nova forma de organização que este vem conformando, chamada de “novo rural”, como apresenta Fialho (2005, p. 109):

O meio rural passa a ser compreendido não mais como espaço exclusivo das atividades agrícolas, mas como lugar de uma sociabilidade mais densa que extrapola as relações sociais locais e abrange dimensões regionais, estaduais, nacionais e mesmo transnacionais. Relações sociais as mais variadas que, no processo de revalorização do mundo rural, a reconversão produtiva (diversificação da produção), a reconversão tecnológica (tecnologias alternativas de cunho agroecológico e natural), a democratização da organização produtiva e agrária (reforma agrária e fortalecimento da agricultura familiar), bem como o fortalecimento e a expansão dos turismos rurais (ecológico e cultural).

Outra característica do novo rural é o fato de muitas pessoas que trabalham no meio urbano migrarem para o campo para ter uma melhor qualidade de vida. Um fator relevante para o sucesso deste novo rural é, explica Fialho (2005), o fato destas pessoas que migram para o campo possuírem uma estabilidade financeira no período inicial de residência, esta estabilidade pode vir, por exemplo, de uma reserva de dinheiro.

A mídia tem papel fundamental na implantação do novo rural, de acordo com Paula (2005), os meios de comunicação tem um grande poder na propagação dos padrões e valores da sociedade, diminuindo, assim, as fronteiras entre o urbano e o rural, ou seja, o campo está sofrendo um processo de urbanização.

De todos os segmentos da mídia, o jornalismo impresso é um dos principais produtores de representações sobre o meio rural, pela sua periodicidade, em geral, diária, bem como pela frequente presença do meio rural como pauta jornalística. O jornalismo rural pode ser entendido como, segundo Albarello (2010, p. 8), “o campo da produção de conteúdo de cunho noticioso, que trabalha assuntos ligados às atividades agrícolas e agropecuárias, além de informações relacionadas à economia e a tudo o que tem por base a agricultura”.

Em nível nacional, um programa que traz ao público o jornalismo rural é o *Globo Rural*, que foi criado pela Rede Globo em janeiro de 1980, pois o departamento

de *marketing* e comercialização da emissora queria integrar à programação um produto voltado ao campo (ABE, 2004-2005).

Segundo Abe (2004-2005, p.141), o programa *Globo Rural* representa os pequenos agricultores trocando “as fontes oficiais por brasileiros anônimos, descobertos por meio de cartas ou durante o próprio trabalho de campo”. Ela ainda explica que:

O *Globo Rural* acaba dando voz a um pedaço da população que não tem voz e também mostrando uma gente que não se vê na televisão – ou que se vê pouco e, muitas vezes, de forma preconceituosa, com um olhar urbano, sem merecer um tratamento específico.

Na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, no âmbito do jornalismo impresso, destacam-se a presença dos cadernos rurais *Campo & Lavoura*, que teve seu início no jornal Zero Hora, na década de 80, bem como *Caderno Rural* do Correio do Povo que foi criado na década de 50 (ALBARELLO, 2010). E também o caderno *Agro Negócio*, do jornal O Alto Uruguai, que foi criado em 2005, segundo Santi (2010).

Como vimos, as grandes mídias costumam representar o meio rural ou no seu extremo moderno (o agronegócio) ou no seu extremo arcaico (os sem-terra, os boias-frias, os retirantes), sem atentar ao meio termo, que inclui pequenos e médios agricultores. Mesmo assim um novo rural começa a ganhar espaço na abordagem da mídia. Nosso questionamento é se os meios de comunicação do interior também representam os agricultores desta mesma forma ou, por sua proximidade com o público, identifica e expõe outros modos de vida no campo. Para responder a essas perguntas, será analisado o jornal impresso Província de Tenente Portela, um município do interior do Rio Grande do Sul, cuja economia é movida pela agricultura.

2. Jornalismo impresso

De acordo com Souza (2001) o jornal impresso foi o primeiro meio de comunicação produzido pela humanidade, utilizando primeiramente o papiro e depois o papel, sendo estes escritos à mão. Ele se consolidou com a criação da tipografia e também a invenção de Gutenberg, entre 1430 e 1440, que a partir de metal fundido, produziu diversos caracteres (SOUSA, 2001).

No seu início, os jornais impressos atendiam só as elites, mas de acordo, Pereira Júnior (2006), a partir do século XX, eles passaram a ser utilizados para as camadas médias e populares da sociedade também.

Segundo Seabra (2003), com a chegada do rádio, da televisão e da internet, a importância dos jornais impressos diminuiu consideravelmente para o público. Afinal, o custo dos dois primeiros meios é menor, já que o único preço a se pagar é o do equipamento, no caso da internet deve-se pagar pelo receptor do sinal e também a assinatura, mesmo assim, com ela pode-se ter acesso a diversos jornais on-line gratuitamente. Em um jornal impresso, porém, o leitor tem de pagar a assinatura ou pagar pelo exemplar. Apesar disso, este é um meio que as pessoas podem arquivar e voltar a rever as informações quantas vezes acharem necessário. Enquanto na televisão e no rádio isso não acontece devido ao seu imediatismo e fugacidade, ou seja, depois que a informação é veiculada não tem como voltar, a não ser que seja gravado.

Os jornais impressos e, principalmente os interioranos, não perderam sua importância, segundo Vieira (2002), numericamente, os veículos de comunicação do interior são bem mais significativos que os dos grandes centros. Empregam mais pessoas e, em vários casos, possuem uma maior sobrevivência. São inúmeros os títulos impressos que existem há mais de 100 anos em todo o interior do Brasil, explica o autor.

Segundo Erbolato (1991) existem vários critérios que geralmente são utilizados na escolha das notícias que serão publicadas nos jornais, alguns deles são:

- Proximidade, as pessoas querem saber do que acontece perto delas.
- Consequências, qual o efeito do acontecimento.
- Progresso, o que pode mudar com este fato.
- Importância, o leitor precisa realmente saber desta notícia.
- Utilidade, a notícia vai fazer diferença na vida do leitor.

Assim, o jornalista deve escolher os fatos que acredita serem mais importantes, de acordo com os critérios acima explicados, pois nem todos os acontecimentos podem virar notícia. Como nos explica Pereira Júnior (2006, p. 19), “expor o acontecido significa, antes de mais nada, escolher episódios, aproximar eventos dispersos, privilegiar um incidente em lugar de outro”.

Além disso, segundo Sousa (2001, p. 13), “o jornalismo deve ser comunicação útil”, não deve publicar notícias que não sejam de interesse dos leitores, afinal serão eles os atingidos pelas informações. As notícias devem ser claras, recentes, verdadeiras,

inéditas, para que atinja seu objetivo de manter o leitor bem informado e interessado (ERBOLATO, 1991).

De acordo com Tresca (2007), o gênero que persiste linguisticamente e historicamente no jornalismo impresso é o informativo.

Difícilmente as pessoas leem todo o jornal, geralmente elas escolhem as notícias que mais as interessam e se detêm nelas. Por isso o jornalismo tem de ser “uma modalidade de comunicação social rica e diversificada” (SOUSA, 2001, p.15).

Por este motivo diversos assuntos devem ser abordados em um jornal, não só nos impressos, como também televisivos e radiofônicos, para que todos os receptores destas informações se sintam representados de alguma forma no meio de comunicação. Como nos explica Erbolato (1991, p. 52) “o noticiário deve ter utilidade pública para os leitores e influenciá-los pessoalmente, mostrando-lhes que devem ter um interesse no assunto divulgado”.

Nos jornais do interior isso é mais fácil, afinal a notícia publicada geralmente acontece perto do leitor. Além disso, neste tipo de jornal, também há uma proximidade maior entre o jornalista que produz as matérias e o público receptor (VIEIRA, 2002, p. 2). Assim os jornalistas entendem melhor a realidade dos leitores, podendo representá-los de maneira mais adequada.

Uma das maiores características dos jornais do interior é, segundo Vieira (2002, p. 8), a proximidade entre os fatos e o público. Dornelles (2010, p. 239) explica que esta proximidade entre a notícia e o público é responsável por “comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores com o objetivo de conseguir a fidelização dos públicos”. E este tipo de estratégia não é só utilizada pelos jornais locais, a imprensa regional e a nacional também a utilizam, segundo a autora.

Dornelles (2010, p. 240) explica ainda que “os acontecimentos que nos são mais próximos são melhor compreendidos, pois também proporcionam melhores temas de histórias para comentar no cotidiano”.

Ainda segundo a autora (2010, p. 241):

A particularidade do jornalismo interiorano, de nomes e apelidos e de públicos concretos, faz com que, ao menos potencialmente, a informação local é mais pluralista que a de outros tipos de jornais, uma vez que tem a oportunidade de representar mais diretamente a sociedade, tanto as minorias como as majorias, bem como a todos os grupos ou entidades sociais que não têm acesso a outros espaços comunicacionais.

Assim, todos os leitores podem ser representados com mais facilidade, afinal eles estão mais próximos dos jornais e dos jornalistas, fazendo com que o contato se torne mais rápido.

Apesar disso, de acordo Dornelles (2010, p. 238), “os jornais do interior frequentemente são considerados pelos profissionais da imprensa ‘de segunda categoria’ em decorrência de preconceitos com a realidade de pequenas comunidades”.

Uma possível solução é a implantação de cursos, principalmente na área da comunicação, em municípios interioranos. Como explica Vieira (2002, p. 9) “o trabalho dos cursos de graduação no interior e na capital se torna relevante para a ressignificação da atividade jornalística nas pequenas empresas de comunicação”.

Um exemplo de jornalismo de interior é o Jornal Província, que é o objeto desta pesquisa. O jornal foi criado por Jalmo Fornari em 1986.⁶ A ideia de criá-lo surgiu antes, porém, em 1981. Quando Jalmo fazia faculdade de Jornalismo na PUC de Porto Alegre, ele teve que fazer um trabalho sobre o bairro em que morava e, como sua cidade natal é Tenente Portela, decidiu criar um projeto chamado Província Kaingang. Em 1985, quando voltou para Tenente Portela, percebeu que não existiam jornais locais no município, mas só jornais regionais circulando nele. Então, no dia 31 de março de 1986, criou o Jornal Província.

O jornal estreou com 2.000 exemplares, que além de serem distribuídos para os assinantes, eram enviados para várias localidades de Tenente Portela. O jornal também circulava em vários municípios vizinhos, como Crissiumal, Humaitá, Sede Nova e Três Passos. Mediante a distribuição de 200 exemplares, algumas pessoas atuavam como correspondentes, enviando ao jornal notícias de suas localidades.

Em 1991, foi interrompida a circulação do jornal por dificuldades financeiras; mas em 1994 ele voltou a circular.

O jornal nunca utilizou cores, é todo em preto e branco. Apenas o caderno *Enfoque*, comprado da gráfica é colorido, e até hoje utiliza o mesmo logotipo.

Em 1998, o dono do jornal comprou uma página na internet, sendo o primeiro jornal da região a ser veiculado na web.

Além do jornal impresso Província, Jalmo também é proprietário da rádio Província FM e do site Província, que formam uma rede de comunicação, chamada Sistema Província.

⁶ Informações obtidas através de entrevista com o dono do Jornal, Jalmo Fornari.

Hoje, o jornal tem em torno de 450 assinantes nas sedes das cidades da microrregião e em Tenente Portela. A tiragem é de 1500 exemplares. E, das 5 pessoas que compõe a equipe do Sistema Província, apenas uma trabalha no jornal impresso, esta pessoa será chamada de “Editor”. Ele cursa jornalismo, é o repórter, o fotógrafo, o editor e também o diagramador do jornal. Além disso, ainda escreve o noticiário para a rádio. O dono do jornal é o único formado em jornalismo de toda a equipe.

O jornal é semanal e não possui um caderno rural nem uma editoria específica para a área, ou seja, as notícias rurais podem ser veiculadas em qualquer editoria, ou seja, dependendo do conteúdo da matéria, pode ser noticiado na editoria de policial, economia, geral, educação, etc.

Sendo assim, neste estudo nos propomos a analisar a representação do meio rural realizada pelo jornal a Província, nas edições do mês de outubro do ano de 2011.

3. Procedimentos metodológicos: análise de conteúdo, entrevistas em profundidade e observação participante.

Para a realização da presente pesquisa foi analisado o conteúdo das notícias rurais do jornal Província, de Tenente Portela, bem como realizado o acompanhamento da rotina do jornal, a partir de observação participante e entrevistas em profundidade com envolvidos na sua produção.

Com relação à análise de conteúdo, as edições escolhidas para sua aplicação foram as do mês de outubro, dias 07, 14, 21 e 28, de 2011. Esta escolha deu-se pelo fato de ser época da colheita de trigo e início do plantio da soja, motivo pelo qual são publicadas mais notícias sobre agricultura no jornal, de acordo com o editor chefe do jornal Província.

A análise de conteúdo é, segundo Bauer (2008, p. 190), “um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas”. Ela é uma técnica híbrida, pois pode ser tanto quantitativa e estatística, quanto qualitativa.

De acordo com Fonseca Júnior (2006, p. 280-281), a análise de conteúdo vem sendo utilizada desde o século XVIII, mas sua adoção regular aconteceu no início do século XX, podendo ser usada em diversas áreas do conhecimento. Ainda, segundo o autor (2006, p. 282), os primeiros trabalhos que utilizaram este tipo de pesquisa

“encontram-se estritamente relacionados ao florescimento do jornalismo sensacionalista (*muckracking journalism*) nos Estados Unidos nas últimas décadas do século XIX”.

Na América Latina, ela se difundiu graças ao Ciespal – Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, “por meio da introdução dos estudos de jornalismo comparado iniciados por Jacques Kayser, ex-diretor do Instituto Francês de Imprensa” (MARQUES DE MELO, 1972, apud, FONSECA JÚNIOR, 2006, p. 284).

A análise de conteúdo foi desenvolvida, segundo Bauer (2008, p. 212), para fazer o estudo, principalmente, de materiais textuais impressos. Mas pode ser utilizada também para estudar sons e imagens. Além disso, existem dois tipos de textos que podem ser analisados, os “que são construídos no processo de pesquisa”, como, por exemplo, entrevistas, e os que “já foram produzidos para outras finalidades quaisquer”, (BAUER, 2008, p. 195), como textos jornalísticos.

Ela se organiza, segundo Fonseca Júnior (2006, p. 290), em três fases cronológicas:

- 1- A pré-análise, em que são desenvolvidas as ideias, é a fase mais importante da análise de conteúdo;
- 2- A exploração do material a ser pesquisado;
- 3- O tratamento dado aos resultados que foram obtidos e a interpretação destes dados.

A análise de conteúdo cria categorizações que consistem, segundo Fonseca Júnior (2006, p. 298), em um “trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade”. Quem define estas categorias é o próprio pesquisador, conforme as necessidades da análise.

De acordo com Herscovitz (2008, p. 127):

A análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambigüidades ou ideologias presentes nos materiais examinados.

Sendo assim será analisado o conteúdo das matérias do jornal Província a partir das seguintes categorias:

- O espaço ocupado pelas matérias rurais no total do jornal. Isso demonstra a frequência e a profundidade com que o jornal trata esse assunto. O espaço será medido em centímetros quadrados, pois o jornal não tem um formato padrão para as colunas, algumas páginas possuem cinco e outras duas ou três colunas.
- As editoriais onde as matérias são publicadas. Já que não há um caderno rural, as editoriais em que foram alocadas as notícias rurais podem dizer muito sobre o conceito que o jornal tem da agricultura e dos produtores rurais.
- Os temas mais abordados pelo jornal, dentro do amplo assunto que é a agricultura.
- Serão analisadas as fontes entrevistadas pelos jornalistas. Ou seja, verificaremos se o jornal dá preferência para os pequenos agricultores, para os especialistas ou para os grandes produtores da região.
- Os nomes usados para se referir aos agricultores (agricultor, colono, produtor rural) e à propriedade rural (campo, fazenda, roça). O modo de referência revela como o jornal vê esses sujeitos e constrói sua imagem junto à opinião pública. Também serão avaliados os conteúdos das fotografias utilizadas nas matérias rurais (se elas mostram os agricultores trabalhando, em casa, com a família). Essa observação também evidencia o enquadramento dado ao trabalho no campo.

Para melhor compreender as notícias publicadas no jornal Província, foi feito um acompanhamento da rotina de produção das matérias do jornal, através de uma observação participante nas tardes dos dias 23 e 24 de maio de 2012. A observação participante consiste, segundo Peruzzo (2006, p.125), “na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada”. Uma das principais implicações da observação participante é, de acordo com a autora (2006, p. 126), “a presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa ‘ver as coisas de dentro’”.

Neste tipo de observação, de acordo com Peruzzo (2006, p. 137), o pesquisador se insere, interage e se envolve com o grupo pesquisado, sempre observando e fazendo entrevistas. O jornalista deve saber o momento de se distanciar, para não criar viés na pesquisa e, para isso, ele precisa de muita maturidade.

Além disso, foi utilizado o método de entrevista em profundidade (**APÊNDICE A**) com o editor do jornal, no dia 25 de maio, para que ele explicasse como se dá, por

exemplo, a escolha dos temas abordados pelas matérias, como selecionam as fontes e outras informações relacionadas aos critérios de seleção e construção das notícias.

As entrevistas em profundidade têm como foco o conteúdo do que é dito pela fonte e não visam à quantidade de pessoas a serem entrevistadas. Segundo Duarte (2006, p.62), “este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não quantificação ou representação estatística”. Nestas entrevistas deve-se, de acordo com esse autor (2006, p. 62), “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Por isso foi selecionado o editor do jornal como entrevistado, afinal é ele quem escolhe quais notícias serão ou não publicadas e as escreve.

Na sequência, apresentamos os resultados da pesquisa combinando esses três métodos: observação participante, entrevistas em profundidade e análise de conteúdo.

4. A representação do agricultor no jornal Província

Durante a observação participante, feita através do acompanhamento de rotina produtiva do Jornal Província, percebemos que são utilizados muitos *releases* para a confecção das matérias, os quais são enviados por prefeituras, cooperativas e outras entidades. Algumas vezes, eles são totalmente modificados pelo editor do jornal e outras, apenas corrigidos. Muitas das fotos utilizadas para compor o jornal também são enviadas pelas assessorias de comunicação ou extraídas da internet, apenas para ilustrar as notícias.

Geralmente, o editor recebe e-mails com sugestões de pauta para as matérias rurais, das quais algumas são enviadas por técnicos de cooperativas por telefone. Também são pesquisados assuntos agrícolas na internet que possam ser “transformados” em regionais. Isso vem ao encontro do que é explicado por Dornelles (2010, p. 238), de que jornal local deve tratar de notícias que dizem respeito à sua área de abrangência, e ele mesmo deve deliberar sobre sua delimitação geográfica.

O espaço que as notícias ocupam no jornal é determinado pelo editor, de modo que os assuntos que ele considera mais relevantes ocupam um espaço maior.

Hoje, o jornal tem duas colunas relacionadas à agricultura: “Bate Papo Animal”, que foi criada em janeiro de 2012, na qual o colunista é um estudante de Medicina Veterinária; e “De Olho na Agricultura”, criada em março de 2012, tendo um

Agrônomo como colunista. Quando o colunista não envia o texto para o editor, a coluna não é publicada. Essas colunas não foram analisadas, pois foram criadas depois do período escolhido para a análise.

A seguir, é apresentado um quadro com o espaço ocupado pelas notícias rurais no Jornal Província.

Espaço total das edições do jornal	Espaço ocupado pelas notícias rurais
59.360 cm ²	2.563,57 cm ²

Quadro 1 – Espaço ocupado pelas notícias rurais no jornal Província

Dos 59360 cm² das edições analisadas, apenas 2563,57 cm² são dedicados às notícias com temática rural. Ou seja, somente 4,31 % do espaço total das edições trata sobre o meio rural. Esse é um número pequeno, pois, de acordo com o IBGE⁷, o setor agropecuário corresponde a 23,39% do PIB (Produto Interno Bruto) do município de Tenente Portela, perdendo somente para o setor de serviços, com 68.38% do PIB, por esta razão os agricultores e a agricultura poderiam ser mais representados no jornal.

Além disso, o número de notícias também é pequeno, das 145 que compõe as edições analisadas, somente 14 são sobre o meio rural, isso quer dizer que apenas 9,6% do número de notícias publicadas pelo jornal Província, no período analisado, tratam a respeito da agricultura. As únicas páginas onde apareceram notícias rurais foram (por ordem de maior número de notícias): dezesseis, cinco, sete, doze, três, oito, dez e quatorze. A posição que as matérias rurais ocupam varia bastante, não tendo sido possível identificar um padrão.

⁷ Dados disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432140#>
Acesso em: 05 set. 2012.

EDITORIAS	Nº de notícias sobre o assunto (notas/notícias/reportagens)
Cotações	4
Cidades	3
Especial	3
Local / Regional	2
Geral	1
Polícia	1
TOTAL	14

Quadro 2 – Editorias onde as notícias rurais são publicadas no jornal Província

As cotações dos produtos agrícolas (soja, milho e trigo) são veiculadas em todas as edições do jornal, por isso tiveram a maior frequência (4 vezes). As cotações dos produtos agrícolas estão sempre na página dezesseis (que é a contra-capá), na parte central superior da folha do jornal.

As editorias de “Cidades” e “Especial” foram as que mais tiveram notícias rurais publicadas, com três notícias em cada editoria. Na editoria “Cidades” são veiculadas notícias de Tenente Portela e de municípios vizinhos. Nestas editorias, a maioria das notícias é sobre projetos de prefeituras e coordenadorias dos municípios próximos a Tenente Portela e, também, sobre colheita do trigo e plantio da soja. Na editoria “Especial”, as notícias são de temas variados, como agricultura familiar, orientações para um grupo de mulheres do interior e agronegócio. Mas nenhuma destas notícias foi a maior na editoria, sempre havia uma notícia com tamanho maior, na parte superior, com maior destaque.

A editoria de “Local/Regional” contou com duas notícias, que tratavam da produção de grãos, e as de “Geral” e “Polícia” com apenas uma cada. A notícia publicada na editoria de polícia é uma pequena nota sem foto uma propriedade rural que foi assaltada, onde o agricultor, dono da propriedade, foi amarrado em uma árvore, esta notícia está rodeada de notícias maiores e com foto. A que foi publicada na editoria de geral é sobre a produção leiteira.

TEMAS	Nº de notícias sobre o assunto (notas/notícias/reportagens)
Colheita e plantio	4
Cotações	4
Assalto	1
Orientações para mulheres	1
Agroceleiro / Agronegócio	1
Leite	1
Gestão de Propriedade rural	1
Agricultura familiar	1
TOTAL	14

Quadro 3 – Temas das notícias rurais

Pelo fato de ser época de safra e plantio, a maioria das matérias veiculadas pelo jornal Província são sobre colheita de trigo e plantio da soja.

No tema “Assalto” se encaixa uma nota tratando sobre um assalto que ocorreu em uma propriedade, onde o agricultor foi amarrado em uma árvore.

Assim como no tema “Assalto”, a temática “Orientações para mulheres” também teve apenas uma notícia publicada, tratando de mulheres de uma determinada localidade do município de Redentora que receberam orientações sobre saúde, para uma melhor qualidade de vida no campo.

Em “Agronegócio” se encaixou uma notícia sobre novidades neste setor. A “Agricultura familiar”, a “Produção leiteira” e a “Gestão da propriedade rural” também tiveram apenas uma matéria publicada sobre cada tema. Com isso, pode-se perceber que o jornal Província dá mais importância aos pequenos e médios produtores rurais, afinal foram publicadas mais notícias sobre estes agricultores, pois a região do município é caracterizada principalmente por pequenos e médios produtores.

Pereira e Queiroz (2004-200) explicam que os grandes meios de comunicação ou fazem notícias sobre o agronegócio ou sobre os excluídos do campo, mas o jornal Província, no período analisado, representou todos os tipos de agricultores, os pequenos

e médios com as notícias sobre gestão das propriedades rurais, produção leiteira e agricultura familiar, e os maiores com notícias sobre agronegócio. Apenas não abordou aqueles que Pereira e Queiroz (2004-2005) classificam como socialmente excluídos, como os sem-terra, por exemplo.

Verificamos, então, que, no âmbito das notícias rurais, o jornal a Província segue a orientação de diversidade de temas, o que vai ao encontro da percepção de Souza (2001, p.15) em relação ao jornalismo como um todo.

FONTES	Nº de vezes que as fontes foram utilizadas
Fontes oficiais/especialistas	15
Agricultores	0
TOTAL	15

Quadro 4 – Fontes entrevistadas para a produção das notícias

Através da análise das notícias do jornal Província, pode-se constatar que os agricultores não são utilizados como fontes nas notícias sobre agricultura. Bordenave (1983) acredita que quem realmente conhece os problemas da agricultura são os próprios agricultores, e, no caso do jornal Província, eles são os principais interessados nestas informações.

No entanto, as fontes utilizadas para a confecção das matérias rurais são fontes oficiais, como prefeitos explicando projetos, técnicos agrícolas esclarecendo detalhes sobre a colheita do trigo e o plantio da soja. Segundo o editor do jornal isso acontece porque “a gente procura sempre uma pessoa que tem conhecimento técnico na área”. De acordo com ele “é um assunto bem plausível isso de entrevistar os agricultores, só de repente a gente procura mais o lado técnico do setor primário né, não digo que a gente nunca vai entrevistar, já teve casos que agricultores foram entrevistados, só que eu já disse, a gente procura mais o lado técnico, porque às vezes o técnico agrícola, tanto o agrônomo, ele vai tá explicando melhor o que tá acontecendo com a cultura do que agricultor”.

Isso mostra que o jornalismo corrobora a antiga ideia difundida na comunicação rural de que o agricultor deve ser um receptor de informações técnicas, vindas de cima. Bordenave (1988) coloca que, com o início da extensão rural, os extensionistas passaram a levar a mensagem aos agricultores, e assim como os meios de comunicação, não o utilizavam como fonte de informação.

Há um fator que pode ser determinante no fato de os agricultores não serem entrevistados: a dificuldade de encontrar um agricultor para dar um depoimento para o jornal. Em horário de expediente, enquanto o jornalista trabalha, os agricultores estão no campo, sem telefone, possivelmente. Para o jornalista ir até lá gastaria bastante tempo e dinheiro. Já para falar com o técnico agrícola da Emater, por exemplo, basta apenas telefonar, o que facilita o seu trabalho de produção das notícias.

Também há no jornal algumas notícias sem nenhuma fonte, o que pode caracterizar a utilização de *releases* enviados ao jornal por assessorias de comunicação. O editor chefe explica que “a gente utiliza sim estes releases para preencher algumas lacunas no jornal e também para atender alguns anseios da comunidade, como são empresas que são infiltradas no nosso município e na região onde o jornal circula a gente utiliza sim estes releases”.

DESIGNAÇÕES UTILIZADAS	Nº de vezes que as designações foram utilizadas
Agricultores	8
Produtor rural	5
Família	5
Pequeno agricultor	1
Cidadão	1
Mulheres	1
Vítima	1
TOTAL	22

Quadro 5 – Designações utilizadas para se referir aos agricultores

A designação mais utilizada é “agricultor”, seguida por “produtor rural”. Em momento algum é utilizada a expressão “colono” ou “peão”, usuais na fala da região, que, muitas vezes, podem ser entendidas como uma maneira depreciativa de se referir aos agricultores. Tampouco são encontradas designações para agricultores de grande porte, como “fazendeiro”, “estancieiro”, “empresário rural”, também de uso frequente na fala cotidiana. Logo, o jornal mantém uma postura pretensamente neutra na designação das diferentes categorias de agricultores, mesmo sendo a região formada predominantemente por agricultores familiares. Uma única vez o tamanho da propriedade e do negócio rural foi mencionada pelo jornal, através da expressão “pequeno agricultor”.

Família foi um termo bastante utilizado, mas em uma única matéria que tratava sobre a produção leiteira, mostrando que o trabalho do campo não depende só do agricultor, mas toda a família, que tem uma grande contribuição no resultado final do trabalho. Isso igualmente se vincula ao fato de que na região predomina a agricultura familiar.

Ao invés de utilizarem o termo agricultoras, na matéria que se referia a um projeto desenvolvido para as moradoras do meio rural ajudarem a família a ter uma melhor qualidade de vida, elas foram referidas através do termo “mulheres”.

Outras designações empregadas para se referir aos agricultores foram “vítima”, em uma nota de onde um agricultor foi assaltado; e “cidadão”, em uma matéria sobre um projeto de determinada prefeitura para melhorar a vida das famílias carentes do interior do município.

DESIGNAÇÕES UTILIZADAS	Nº de vezes que as designações foram utilizadas
Propriedade	8
Lavouras	7
Localidade	4
Zona rural	1
Área rural	1
Comunidade	1
TOTAL	22

Quadro 6 – Designações utilizadas para se referir às propriedades rurais

Em nenhum momento, o jornal se referiu às propriedades dos agricultores como “colônia” e “roça” ou, mesmo, “fazenda” e “estância”. Sempre utilizou expressões como: “propriedade”, “lavoura”, “localidade”, “zona” e “área rural” e “comunidade”. As três primeiras com bem mais frequência (8, 7 e 4 citações, respectivamente) que as demais (com uma citação cada). “Propriedade” foi usada para mencionar a posse, o lugar de trabalho de um agricultor em específico. Já as demais, foram usadas para tratar da produção de um modo amplo, nas lavouras de toda a região.

O fato do termo “lavoura” ser muito utilizado mostra que a temática do jornal se concentra na produção agrícola e não na criação de animais. Isso também se torna facilmente notório quando percebemos que o número de notícias sobre a criação de animais é bem menor que as sobre plantio e colheita.

FOTOGRAFIAS	Nº de fotografias
Colheitadeira na lavoura	3
Gráficos e box	2
Família (foto posada)	1
Grupo de mulheres	1
Plantação de milho	1
Agricultores em dia de campo	1
Técnico agrícola (foto posada)	1
TOTAL	10

Quadro 7 – Conteúdo das fotografias

Apesar de os entrevistados serem predominantemente fontes oficiais, as fotos são predominantemente de agricultores ou de cenas do campo. Ou seja, o agricultor e a agricultura tem função mais próxima da ilustração, enquanto os técnicos tem papel de explicação.

Três matérias, de edições diferentes do jornal, utilizaram fotografias de colheitadeiras na lavoura, e duas destas fotos eram a mesma, que também foi utilizada na capa de uma das edições analisadas, ou seja, em duas edições do jornal foram publicadas três fotografias iguais, a mesma colheitadeira na mesma lavoura. De acordo com o editor do jornal “o que acontece é o seguinte a gente sai fazer umas fotos teve inúmeras vezes que a gente saiu por aqui, transitou pelos arredores de Portela e não encontrou nenhuma máquina colhendo sabe, então pela escassez de fotos você é obrigado a usar sempre as mesmas fotos, é uma coisa que não é correta, mas pra você ilustrar a matéria você tem que fazer isso”.

Isso ocorre pelo fato de o pessoal e a rotina do jornal não permitirem demora na busca das informações, que ir até o campo fazer as fotografias demanda. Isso acontece também no caso das entrevistas, quando o editor opta por entrevistar técnicos e não agricultores. Como apenas uma pessoa trabalha no impresso, cumprindo funções de

jornalista, fotógrafo, editor e diagramador, há uma sobrecarga bastante grande nesta pessoa, que tem que optar pelo mais rápido de fazer as notícias.

Considerações Finais

Ao finalizar esta pesquisa sobre a representação dos agricultores no jornal *Província*, de Tenente Portela, tendo como base para os métodos de análise de conteúdo, de entrevistas em profundidade e de observação participante e as edições dos dias 07, 14, 21 e 28 de outubro de 2011, época de colheita do trigo e plantio da soja, pode-se perceber que o número de notícias rurais, 9,6% do total, é pequeno. O espaço ocupado por estas notícias no jornal também é limitado, somente 4,31 % do espaço total das edições. Considerando que 35.51% da população do município residem no meio rural e que a economia do município depende desse setor produtivo o jornal poderia destinar um espaço maior às notícias rurais. Constatou-se também, que as notícias são pouco aprofundadas, com finalidade mais informativa do que reflexiva.

A falta de pessoal para trabalhar no jornal impresso é o principal motivo pela falta de notícias rurais no jornal, pois entrevistar agricultores e fazer as fotografias demanda bastante tempo e dinheiro, devido à necessidade de deslocamento, por isso, as entrevistas raramente são feitas com agricultores. O jornal sempre utiliza os depoimentos de fontes oficiais, pois elas são facilmente encontradas. É por este motivo também que os *releases* são muito utilizados, afinal a notícia chega pronta e é necessário apenas fazer alguns ajustes.

Mesmo com a falta de pessoal, os agricultores são representados de maneira neutra, em nenhuma notícia eles foram tratados de maneira preconceituosa e, mesmo não sendo utilizados como fontes de informação, eles foram citados em todas as notícias e apareceram em algumas fotografias. O jornal trata de todos os tipos de agricultores, pequenos, médios e grandes, apesar de os dois primeiros serem predominantes na região. Em praticamente todas as notícias, se usavam os termos “agricultor” e “produtor rural”, o que demonstra neutralidade no tratamento dos mesmos.

O jornal *Província* possui assinantes em Tenente Portela e também em alguns municípios vizinhos, como Barra do Guarita, Derrubadas, Dois Irmãos das Missões, Coronel Bicaco, Miraguaí, Redentora, Três Passos e Vista Gaúcha. Levando em consideração a população de todos estes municípios, 71.714 habitantes, o número de

assinantes é muito pequeno, apenas 0,62%. Se contarmos a tiragem total do jornal, 1500 exemplares, o número continua pequeno, 2,09% da população destes municípios terão acesso ao jornal. Alguns exemplares do jornal são enviados para os gabinetes de alguns deputados em Porto Alegre e Brasília e também para algumas cidades do Mato Grosso.

Como não há entrega de jornais no interior do município de Tenente Portela, o acesso dos agricultores ao jornal se torna difícil, as opções aos interessados são: ir até a sede do jornal Província para comprar um exemplar; procurar uma banca ou mercado que venda o jornal; ou ir até as prefeituras, onde os exemplares podem ser adquiridos gratuitamente, já que cada prefeitura recebe em torno de 80 exemplares do jornal.

O jornal Província, por ser local, tem como premissa a proximidade com o leitor, portanto, poderia entrevista-los e fotografá-los, afinal, o jornal está próximo a eles.

A falta de pessoal para trabalhar no jornal, a não utilização de agricultores como fontes de informação e o fato de não haver entrega de jornais no meio rural de Tenente Portela, faz com que haja uma urbanização das notícias sobre agricultura no jornal, ou seja, estas matérias são destinadas muito mais aos leitores do meio urbano que aos do meio rural.

O aumento de pessoal para trabalhar no jornal Província aliado a um projeto de entrega de jornais no meio rural seria de extrema relevância para uma representação de melhor qualidade dos agricultores e, também, para o acesso mais facilitado deste público ao jornal.

Uma pesquisa interessante a se fazer sobre o tema seria uma pesquisa de opinião com os agricultores e também com os moradores do meio urbano, para saber como os agricultores se sentem representados, quais os temas que o jornal deveria tratar mais, e o que eles acham que poderia melhorar na representação que o jornal faz deles. Aos moradores do meio urbano poderia ser questionado sobre a maneira como eles veem a representação dos agricultores no jornal e quais seus maiores interesses e curiosidades sobre o meio rural.

Através deste artigo, pode-se perceber que a comunicação e o jornalismo rural são de suma importância para os agricultores, uma vez que fazem circular uma representação social específica destes junto à opinião pública, além de fazer com que adquiram mais conhecimentos sobre como melhor fazer suas atividades diárias. É o que acontece também com o jornalismo impresso, pois, sempre que precisarem podem voltar e ler as matérias que acreditam ser interessantes para seu modo de vida.

REFERÊNCIAS

ABE, M. 25 anos de mãos dadas com o mundo rural. In: **Revista USP: Dossiê Brasil Rural**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004-2005, p. 133-141.

ALBARELLO, T. M. Análise inserção da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul no caderno *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora*. Frederico Westphalen. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 189-217.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação rural**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DORNELLES, B. **O localismo nos jornais do Interior**. Revista Famecos: Porto Alegre. v. 17. n. 3. p. 237-243. 2010.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: BARROS. A. (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006, p.62-83.

DUARTE, J. R. **A Comunicação Rural e suas formas de manifestação**. Monografia URCAMP, Bagé, 2003.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

FIALHO, M. A. V. Agricultura familiar, produção orgânica e “novos rurais”: um estudo de caso no sul do Brasil. In: MOREIRA, R. J. (org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.109-126.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de conteúdo In: BARROS. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006, p.280-304.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira ; Prefácio de Jaques Chonchol. 7ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. Disponível em: <http://www.bonato.kit.net/Extensao_ou_Comunicacao.pdf> Acesso em: 22 out. 2011.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 123-142.

PAULA, S. G. Natureza ruralidade e experiência urbana. In: MOREIRA, R. J. (org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 237-253.

PEREIRA, J. B. B.; QUEIROZ, R. S. Por onde anda o Jeca Tatu. In: **Revista USP: Dossiê Brasil Rural**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004-2005, p. 07-13.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa**. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa ação. In: BARROS. A. (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006, p. 125-145.

SANTI, H. C.; DEVENS, P. **Aspectos da Comunicação Rural em Frederico Westphalen**. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1533-1.pdf>> Acesso em: 24 março 2012.

SANTI, H. C. **O impresso no meio rural: a recepção do caderno *Agro Negócio* por produtores rurais do município de Frederico Westphalen**. Frederico Westphalen. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

SEABRA, R. Produção da Notícia: A Redação e o Jornalista. In: DUARTE, J. **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: Teoria e Técnica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003. p. 105-120.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <<http://bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 03 out. 2011.

TRESCA, L. C. **Gênero Informativo no Jornalismo Impresso - O estado da arte no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.rpbahia.com.br/biblioteca/hist-midia2005/resumos/R0146-1.pdf>> Acesso em: 28 set. 2011.

VIEIRA, T. A. S. **Jornalismo no interior** – potencialidades éticas e técnicas. ECA-USP e Faculdade de Pato Branco. INTERCOM. Salvador: BA, 2002.

WANDERLEY, M. N. B. **A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural**. In: ¿Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/desenvolvimento-agrario/texto-29-a-ruralidade-no-brasil-moderno.pdf>> Acesso em: 28 março 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista em profundidade com o editor chefe Jornal Província – 25 de maio de 2012.

1. Vocês utilizam releases para fazer as matérias?

A gente ocupa bastante release quando eles vêm de empresas como a Sicredi ou instituições de educação no caso a Unijuí, a gente utiliza sim estes releases para preencher algumas lacunas no jornal e também para atender alguns anseios da comunidade como são empresas que são infiltradas no nosso município e na região onde o jornal circula a gente utiliza sim estes releases.

2. Vocês vão para o interior para fazer as matérias rurais?

Conforme a disponibilidade de tempo e a importância do assunto a gente se desloca até o local, fazendo alguma reportagem, tirando fotos e no caso entrevistando alguns agricultores quando é necessário como é o caso de pessoas que enfrentam dificuldades no interior por outros quesitos, como estradas e essas ligações que acontecem aí, então como o jornal tem um significado, uma ligação muito forte com a comunidade aqui, então a gente procura atender os anseios da comunidade do interior não só na questão da agricultura mas também nas dificuldades enfrentadas no cotidiano deles.

3. Como são escolhidos os assuntos para as matérias?

Olha, a gente procura acompanhar sempre, como a nossa região é essencialmente agrícola a gente procura dar uma ênfase a este setor, e o que que acontece, a gente acompanha os períodos que são determinados para o plantio, os períodos que são determinados para a colheita ou alguns fatos anormais, como seca, ou bastante chuva que causam prejuízos na lavoura. Então a gente sempre está atento a isso e procura técnicos aqui da nossa região, pessoas que tenham propriedades para falar do assunto para elaborar as reportagens.

4. Então nas épocas de safra são publicadas mais matérias rurais?

Eu não diria só nas épocas de safra, mas também na época de plantio, porque existe uma variação muito grande a cada ano, pelo que a gente acompanha, principalmente eu

assim que já faz alguns anos que trabalho com jornal e venho acompanhando e vi que há, a cada ano um aumento ou uma redução das áreas. Sabe, isso se deve a vários fatores, tipo o produtor acreditar na cultura, frustrações anteriores também são motivos que levam a definir os novos números da safra né, então a gente cuida principalmente essa questão do cotidiano da agricultura, não quer dizer que quando não sai uma matéria no jornal, que a gente não publica uma matéria no jornal não quer dizer que a gente não tá atento, só que a gente também não pode ficar largando matéria toda semana falando do desenvolvimento, até porque é uma coisa que não interessa muito ao público né, saber: “ah, agora o soja tá no estágio de floração ou preenchimento do grão”, isso é uma coisa que é natural da cultura, então a gente vai atrás dos fatos mais relevantes, como o plantio ou a colheita ou fatos anormais como eu já disse anteriormente que é a questão da chuva ou da seca.

5. Então na época de plantio e colheita saem mais matérias?

Com certeza sai mais porque são épocas que são mais relevantes que nem eu falei né, se tu contar o desenvolvimento da planta até seria interessante do ponto de vista do agricultor né, mas como todo mundo presta mais atenção na época do plantio e da colheita nós também ficamos mais atentos a estes períodos.

6. Quem vocês entrevistam para fazer as matérias rurais?

Olha, a gente procura sempre uma pessoa que tem conhecimento técnico na área, ou a gente vai até a Emater, ou como tem a unidade da Cotrijuí aqui no nosso município a gente procura algum técnico agrícola ou um agrônomo né, ou no caso a Emater como saem matérias sobre a bacia leiteira, então a gente pega técnicos em agropecuárias né. Então a gente procura sempre um conhecimento técnico sobre o assunto, não só o cotidiano, não digo que a experiência de um agricultor não seja importante nessa área, mas às vezes um conhecimento técnico pra elucidar os fatos pros leitores fica mais fácil ainda.

7. Por isso que você não entrevista muito os agricultores?

Não, não seria a questão de entrevistar agricultores, eu acho que é um assunto bem plausível isso de entrevistar os agricultores só de repente a gente procura mais o lado técnico do setor primário né, não digo que a gente nunca vai entrevistar, já teve casos que agricultores foram entrevistados, só que eu já disse a gente procura mais o lado

técnico, porque às vezes o técnico agrícola tanto o agrônomo ele vai tá explicando melhor o que tá acontecendo com a cultura do que agricultor, de repente o agricultor pega e diz: “ó, o soja tá com uma doença”, o técnico já vai saber explicar o tipo de defensivo tem que usar, qual é a procedência dessa doença. Esses quesitos mais técnicos são melhores para ilustrar uma matéria.

8. E você não acredita que o agricultor gostaria em ver que o que ele acha tá sendo publicado?

Com certeza, não tenho dúvida nenhuma quanto a isso, só que como eu disse, a gente enfatiza mais o lado técnico sabe, eu acho até que a opinião do agricultor é muito importante, porque é ele que tá ali, é ele que tá com a expectativa maior de colheita, é ele que tá planejando a sustentabilidade da propriedade dele, eu acho que é interessantíssima a opinião dele, só é uma questão de escolha né, não digo que a gente não possa mesclar um dia a entrevista de alguém de uma cooperativa ou duma empresa que seja ligada ao setor primário e de um agricultor também. Acho que seria bem interessante até.

9. Quanto às fotos, eu percebi nas edições que analisei que têm três fotos iguais de uma colheitadeira na lavoura, uma na capa e duas dentro das matérias.

É, isso na verdade, o que acontece é o seguinte a gente sai fazer umas fotos teve inúmeras vezes que a gente saiu por aqui, transitou pelos arredores de Portela e não encontrou nenhuma máquina colhendo sabe, então pela escassez de fotos você é obrigado a usar sempre as mesmas fotos, é uma coisa que não é correta, mas pra você ilustrar a matéria você tem que fazer isso. Então o que que acontece, às vezes você sai aqui, eu já saí muitas vezes daqui daí ligo pro pessoal das cooperativas: “me digam onde tem uma máquina colhendo” o cara diz “vai em tal lugar” aí às vezes a gente vai lá e a máquina não tá lá, quando o cara passou lá de manhã, uma hora ou alguns instantes e a máquina estava lá, mas depois não estava mais lá, então devido a essa escassez, essa falta de material a gente é obrigado a usar a mesma foto para ilustrar a matéria em diferentes momentos.

Esse negócio da foto eu também não gosto de repetir, só que sabe, às vezes a gente depende de assessorias de imprensa ou de prefeituras, eles mandam a matéria e a mesma foto, não só pra nós aqui, mas às vezes a mesma foto está nos três jornais da cidade. Uma dificuldade que a gente encontra aqui é a falta de pessoal, você verificou nos dois

dias que você esteve aqui que sou só eu que trabalho aqui, o que acontece, se tivesse mais alguém, como em São Paulo, uma pessoa exclusivamente para tirar foto eu diria pra ele: “fulano, vai lá e tira uma foto tal, tal, tal”, quando você tem uma equipe o trabalho rende mais, as funções são repartidas, são delegadas para cada pessoa fica muito mais fácil fazer o jornal, mas como no meu caso, que eu estou sozinho aqui, às vezes eu tenho que sair tirar uma foto já tenho que estar pensando em outra matéria e além de tudo tem que passar elaborando as matérias para na quinta-feira diagramar o jornal. Então, é complicada essa parte, mas mesmo assim eu acho que meu trabalho tem falhas como tem méritos também, mas é assim se tivesse mais pessoas aqui seria muito melhor, se tivesse mais duas pessoas, uma só pra tirar fotos e outra só pra montar o jornal.

10. É por essa falta de pessoal que são publicados mais releases?

O que acontece com esses jornais do interior, pra sobreviver tem alguma receita, o que acontece, as prefeituras precisam fazer algumas publicações né, então a partir dessas publicações são firmados contratos com o jornal, só que como não existe toda semana a publicação de algo legal, ou alguma coisa oficial do município, um relatório ou um edital de licitação, um pregão presencial, o que que acontece o jornal diversifica, se não tem edital vocês mandam as matérias, entende, essas matérias são um tipo de abono pelo contrato que eles têm com o jornal, hoje o jornal possui contrato com oito prefeituras, então como essas prefeituras não mandam publicações legais toda semana, elas mandam reportagem né, então é uma forma também do município divulgar o que faz, o que tá acontecendo no município, porque hoje não teria a mínima condição de eu sair e fazer a cobertura de oito municípios e ainda chegar aqui elaborar e redigir as matérias e ainda montar o jornal, não tem como. Eu acho que um avanço que eu vejo, é que cada prefeitura nos últimos anos têm se preocupado com essa área de assessoria de imprensa, têm nomeado alguém, mesmo que não sejam pessoas capacitadas, pessoas com algum grau de conhecimento em jornalismo, muito menos acadêmicos ou formados na área, mas estão preocupados, a pessoa pega lá e escreve do jeito que ela achar, quando chega aqui eu geralmente modifico o texto eu refaço a matéria, mas eu acho importante mostrar o que acontece no município também, senão o município ficaria esquecido, não teria o porque investir numa assessoria, então eles fazem do jeito deles, alguns que vem aqui a gente refaz, tenta dar um valor pra esses municípios aqui que compõe a nossa microrregião e que são colaboradores do jornal.

ANEXOS

ANEXO A – Fotografias das notícias analisadas